

# o sangue dos elfos

saga the witcher / volume III

andrzej sapkowski

Tradução de Tomasz Barcinski

Adaptação de Rui Azeredo



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## CAPÍTULO PRIMEIRO

*Em verdade vos digo que se aproxima o Tempo da Espada e do Machado, a Época da Selvajaria Lupina. Acerca-se o Tempo do Frio Branco e da Luz Branca, o Tempo da Loucura e o Tempo do Desprezo, Tedd Deireádh, o Tempo do Fim. O mundo morrerá congelado e renascerá com o novo sol. Ele renascerá do Sangue Antigo, de Hen Ichaer, da semente plantada. Da semente que não apenas brotará, mas explodirá em chamas. Ess'tuath esse! Assim será! Atentem para os sinais! Que sinais serão esses, eu vos direi, porém, antes a terra cobrir-se-á com o sangue dos Aen Seidhe, o Sangue dos Elfos...  
Aen Ithlannespeath, profecia de Ithlinne Aegli aep Aevenien*

A cidade ardia em chamas. As estreitas vielas que levavam ao fosso e ao primeiro terraço vomitavam fumo e brasas, enquanto chamas devoravam o amontoado de telhados de colmo das casas e lambiam os muros do castelo. Do poente, da direção do pórtico do cais, ouviam-se estrondos, sons de uma encarniçada batalha e surdas batidas de aríetes que faziam tremer as muralhas.

Os atacantes surgiram inesperadamente, rompendo a barricada defendida por um pequeno grupo de soldados, cidadãos munidos de alabardas e membros de corporações de artesãos armados com arcos e flechas. Cavalos cobertos com mantos negros saltaram a barreira como espectros. Lâminas brilhantes espalhavam a morte entre os defensores em fuga.

Ciri sentiu o cavaleiro que a levava sobre o arção da sela a empinar repentinamente a montada. Ouviu o seu grito:

— Segura-te!

Outros cavaleiros com as cores de Cintra passaram a galope, embatendo contra os nilfgaardianos. Ciri viu-os pelo canto do olho, um louco turbilhão de capas azuis-douradas e negras entre o estrépito de aço contra aço, golpes de lâminas a resvalar sobre escudos, relinchos de cavalos...

Um grito. Não, não um grito. Um urro.

— Segura-te!

Medo. Cada sacudidela, cada salto do cavalo, arranham-lhe dolorosamente as mãos agarradas às rédeas. As pernas, contraídas numa câibra dorida, não encontram um ponto de apoio; os olhos lacrimejam de tanto fumo. O braço que a envolve estrangula, sufoca, esmaga e magoa-lhe as costelas. Em volta cresce uma gritaria tão terrível como jamais foi ouvida. O que leva um ser humano a gritar assim?

Medo. Um medo que enfraquece, que paralisa, que sufoca.

Novos estrépitos de aço contra aço e relinchos de cavalos. As casas ao redor dançam um bailado macabro, as janelas expelindo chamas na barrenta viela coberta de cadáveres e de objetos lançados ao chão pelos fugitivos. O cavaleiro às suas costas tem um repentino acesso de tosse. Sobre as suas mãos convulsivamente agarradas às rédeas esguicha uma torrente de sangue. Gritaria. Silvos de flechas.

Uma queda, uma pancada, um doloroso choque com a armadura. Um estrépito de cascos ao seu lado. Sobre a sua cabeça, o ventre de um cavalo com a cilha esfarrapada e o de outro com um esvoaçante xairel negro. Um estalo semelhante ao do machado no tronco de uma árvore. O golpe, porém, não é aplicado a uma árvore, mas é de ferro contra ferro. Um grito abafado e surdo e, junto dela, algo preto e enorme a desabar na lama e a esguichar sangue por todos os lados. O calcanhar com proteção de aço agita-se convulsivamente, sulcando a terra com uma enorme espora.

Um puxão. Uma força ergue-a do chão até ao arção da sela.

— Segura-te! — Outro galope desenfreado. As mãos e os pés procuram desesperadamente um apoio qualquer. O cavalo empina-se.

— Segura-te!

Não há apoio. Não há... Não há... Há sangue. O cavalo desaba. Não consegue desviar-se, não é possível livrar-se do aperto dos braços enfiados na armadura. Não tem como escapar do sangue que lhe escorre pela cabeça, pela nuca.

Outro choque, mergulho na lama, violenta batida contra o solo assustadoramente parado após aquele selvagem galope. O penetrante e rouco relincho do cavalo que tenta erguer o quadril. O trote de ferraduras, a fulminante passagem de garupas e cascos. Capas e xairéis negros como a noite. Gritos.

Na ruela, chamas, uma crepitante parede de fogo rubro. Diante dela, um gigantesco cavaleiro cuja cabeça parece estar acima dos telhados. O seu cavalo, coberto com um xairel preto, agita-se, dança, relincha.

O cavaleiro encara-a. Ciri vê o brilho dos seus olhos através da fenda no enorme elmo adornado com asas de ave de rapina. Vê o reflexo do incêndio na larga lâmina da espada que ele segura com a mão descida.

O cavaleiro fita-a. Ciri não consegue mexer-se; os seus movimentos são tolhidos pelos inertes braços do morto, que a seguram pela cintura. Sente-se imobilizada por algo pesado e húmido de sangue, que lhe comprime a coxa, pregando-a ao solo.

Sente-se imobilizada também pelo medo. Um medo tão terrível que lhe contorce as entranhas e faz com que ela deixe de ouvir os relinchos do cavalo ferido, a crepitação do incêndio, os gritos das pessoas e as batidas dos tambores. A única coisa que existe, que conta, que tem algum significado, é o medo. Um medo que tomou a forma do cavaleiro negro de elmo adornado com plumas, parado como uma estátua diante da parede vermelha de chamas enfurecidas.

O cavaleiro empina a montada, as asas do elmo agitam-se, a ave prepara-se para alçar voo, para atacar a vítima indefesa e paralisada de medo. O pássaro, ou talvez o guerreiro, solta um grito cruel e triunfal. O cavalo negro, a armadura negra, a capa negra esvoaçante e, atrás de tudo, o fogo, um mar de chamas.

O medo.

A ave grasna. As asas agitam-se, com as penas a bater no rosto. Medo!

*Ajuda. Porque é que ninguém me ajuda? Sou pequena, estou sozinha, desarmada, não posso mexer-me, nem mesmo consigo soltar um grito da minha garganta apertada. Porque é que ninguém me vem socorrer? Tenho medo!*

Olhos a brilhar através da fresta do enorme elmo alado. Manto negro cobrindo tudo...

— *Ciri!*

Despertou coberta de suor, entorpecida, com o próprio grito, o grito que a acordara, ainda a vibrar no seu cérebro, trancado no seu peito, ardendo na garganta ressequida. Doíam-lhe as mãos, crispadas na manta; doíam-lhe as costas...

— Ciri. Acalma-te.

À sua volta, na noite escura, o vento sussurrava monótona e melodiosamente nas copas dos pinheiros e fazia ranger os troncos. Já não havia incêndio nem gritos, apenas aquela sussurrante cantiga de embalar. A fogueira do bivaque pulsava com luz e calor; as chamas banhavam as fivelas dos arreios e refletiam-se, avermelhadas, no punho e nos adornos metálicos da bainha da

espada apoiada na sela sobre o chão. Não havia outro fogo nem outras armas. A mão que lhe tocava a face cheirava a pele e cinza, não a sangue.

— Geralt...

— Foi apenas um sonho. Um pesadelo.

Ciri tremeu violentamente, encolhendo os ombros e as pernas.

Um sonho. Apenas um sonho.

A fogueira estava a apagar-se, os diáfanos toros de bétula avermelhada rachavam, soltando labaredas azuladas. A fraca luz iluminava os cabelos brancos e o expressivo perfil do homem que a aninhava nos braços e a cobria com a manta e a samarra.

— Geralt, eu...

— Estou aqui. Dorme, Ciri. Precisas de descansar. Ainda temos um longo caminho pela frente.

*Ouçõ uma música, pensou ela de repente. No meio deste sussurro... ecoa uma música... uma música de alaúde. E vozes. Princesa de Cintra... Criança do Destino... Criança de Sangue Antigo, Sangue dos Elfos. Geralt de Rívia, o Lobo Branco, e o seu destino. Não, isso é uma lenda, invenção de um poeta. Ela já não está viva; foi morta quando fugia pelas ruas daquela cidade... Segura-te... Aguenta...*

— Geralt...

— O que foi, Ciri?

— O que é que ele me fez? O que aconteceu naquela altura? O que é que ele... me fez?

— Quem?

— Aquele cavaleiro... O cavaleiro negro com plumas no elmo... Não me lembro de nada... Ele gritava... e olhava para mim. Não me lembro do que aconteceu, apenas de que sentia muito medo... Estava a morrer de medo...

O homem de cabelos brancos inclinou-se e a luz da fogueira iluminou-lhe os olhos. Eram olhos estranhos, muito estranhos. Ciri já tivera medo deles e não gostara de os fitar. Mas isso fora antes, há muito tempo.

— Não me lembro de nada — repetiu em voz baixa, procurando a mão dura e áspera como madeira não trabalhada. — Aquele cavaleiro negro...

— Foi apenas um sonho. Dorme sossegada. Ele não volta.

Ciri ouvira anteriormente semelhantes afirmações. Tinham-lhe sido repetidas milhares de vezes, na tentativa de a acalmar quando acordava durante a noite com os próprios gritos. Só que agora era diferente. Agora, ela acreditava. Acreditava, porque quem lhe dizia aquilo era Geralt de Rívia, o Lobo Branco, o bruxo, aquele que lhe fora predestinado e a quem ela fora

predestinada. O bruxo Geralt, que a encontrara no meio da guerra, da morte e do desespero, que a levava consigo e que prometera que nunca mais se separariam.

Adormeceu sem lhe largar a mão.

O bardo terminou de cantar. Inclinando levemente a cabeça, repetiu no alaúde o refrão da balada de maneira delicada, baixinho, um tom acima do discípulo que o acompanhava.

A plateia permaneceu em silêncio. Além dos últimos acordes da música, ouvia-se apenas o sussurro das folhas e o ranger dos galhos de um enorme carvalho. Depois, repentinamente, baliu uma cabra amarrada a uma das carroças que cercavam a árvore milenar. Foi então que, como se obedecesse a um sinal, um dos ouvintes sentados num grande semicírculo ergueu-se e, atirando sobre o ombro a ponta de um manto azul-cobalto bordado com fios de ouro, inclinou-se rígida e dignamente.

— Agradeço-lhe, mestre Jaskier — disse com voz ressonante, mas não muito alta. — Permitam que eu, Radcliffe de Oxenfurt, Mestre dos Arcanos Mágicos, emitindo obviamente a unânime opinião dos presentes, profira algumas palavras de gratidão e reconhecimento à sua grande arte e ao seu inegável talento.

O feiticeiro lançou um olhar sobre os mais de cem espectadores, que, aglomerados no apertado semicírculo sob o carvalho, de pé ou sentados sobre as carroças, escutavam, acenavam com a cabeça e sussurravam entre si. Alguns começaram a bater palmas, enquanto outros saudavam o cantor erguendo os braços. Mulheres emocionadas fungavam e enxugavam os olhos com o que podiam, dependendo da sua posição social, profissão e meios: as camponesas, com o dorso dos antebraços e das mãos; as esposas dos negociantes, com lenços rústicos; as elfas e as fidalgas, com lenços de fino tecido branco; e as três filhas do chanceler Vilibert, que com todo o seu séquito interrompera uma caçada com falcões apenas para ouvir o famoso trovador, assoavam ruidosamente o nariz em elegantes xailes de lã verde-musgo.

— Não será exagero — continuou o feiticeiro — dizer que nos emocionou profundamente a todos, mestre Jaskier, que nos levou a refletir e a meditar, que tocou o nosso coração. Queira aceitar a nossa gratidão e o nosso respeito.

O trovador levantou-se e inclinou-se, roçando os joelhos com a pena de garça do seu elegante chapéu. O discípulo parou de tocar, sorriu e também

fez uma vénia, mas o mestre Jaskier olhou para ele severamente e rosnou algo baixinho. O rapaz baixou a cabeça e voltou a dedilhar as cordas do seu alaúde.

A plateia animou-se. Os negociantes que viajavam em caravana, depois de confabularem brevemente, colocaram diante do carvalho um barril de cerveja de consideráveis proporções. O feiticeiro Radcliffe envolveu-se numa discreta conversa com o chanceler Vilibert; as filhas dele pararam de fungar e ficaram a contemplar Jaskier com adoração. O bardo não chegou a reparar, pois estava entretido a lançar piscadelas de olho e a mostrar os dentes a um ostentadoramente calado grupo de elfos nómadas, sobretudo a uma elfa, uma bela morena de olhos enormes com a cabeça coberta por um minúsculo gorro de arminho. Jaskier tinha vários concorrentes: a dona dos grandes olhos e belo gorro já havia despertado a atenção de alguns dos seus ouvintes, cavaleiros, estudiosos e errantes de toda a espécie. A elfa, claramente satisfeita com o efeito que causava, repuxava as mangas da sua blusa e adejava as pestanas como asas de borboleta, mas os elfos que a acompanhavam cercavam-na de todos os lados, sem ocultar o seu desagrado com os admiradores.

A clareira sob o carvalho Bleobheris, um local de frequentes assembleias, paragem de viajantes e encontro de peregrinos, era famosa pela sua tolerância e liberdade de expressão. Os druidas que se ocupavam da vetusta árvore chamavam-lhe «Local da Amizade» e tinham o maior prazer em acolher qualquer um. No entanto, mesmo em eventos extraordinários, como a recém-terminada apresentação do mundialmente famoso trovador, os viajantes mantinham-se em grupos isolados uns dos outros. Os elfos juntavam-se a elfos. Os anões artífices agrupavam-se com os seus primos, que, armados até aos dentes, haviam sido contratados para escoltar as caravanas dos mercadores, e, no máximo, toleravam a proximidade de gnomos mineiros e duendes agricultores. Todos os inumanos se mantinham uniformemente distantes dos humanos. Estes respondiam na mesma moeda, e nem entre eles se via qualquer tipo de integração. Os fidalgos olhavam com desprezo para os mercadores e caixeiros-viajantes, enquanto os soldados e os mercenários mantinham distância dos fedorentos pastores. Os incontáveis feiticeiros e os seus seguidores isolavam-se por completo, obsequiando aqueles que estavam em redor com a mesma arrogância. O pano de fundo desse universo era formado pelo compacto, negro, soturno e silencioso agrupamento de camponeses. Estes, parecendo uma floresta de ancinhos, forçados e malhos que sobressaíam acima das suas cabeças, ignoravam tudo e todos.

A única exceção, como de costume, eram as crianças. Libertadas da obrigação de se manterem caladas durante a apresentação do bardo, soltaram um grito selvagem e partiram disparadas para a floresta, a fim de se entregarem com entusiasmo a brincadeiras cujas regras eram totalmente incompreensíveis aos que já se haviam despedido dos felizes anos da infância. Os pequenos humanos, elfos, anões, duendes, gnomos, meios-elfos, quartos-elfos e rebentos de procedência suspeita não conheciam nem aceitavam divisões raciais. Por enquanto.

— Por certo! — gritou um dos cavaleiros presentes na colina, um tronco vestido com um curto casaco rubro-negro adornado com três leões rampantes. — O senhor feiticeiro disse muito bem! As baladas foram lindas e, por minha honra, mestre Jaskier, caso o senhor venha a encontrar-se nas cercanias de Lysorog, a castelania do meu amo, não hesite em visitar-nos, não se acanhe. Será hospedado como um príncipe... que digo eu, como o próprio rei Vizimir! Juro pela minha espada que já ouvi muitos menestréis, mas nenhum deles pode comparar-se ao senhor, mestre. Aceite de nós, fidalgos de boa cepa, o respeito e a homenagem a que a sua arte faz jus!

Escolhendo com perfeição o momento certo, o trovador piscou o olho ao discípulo. O rapaz pôs de lado o alaúde e pegou numa caixinha oval destinada a recolher, entre os ouvintes, demonstrações de reconhecimento mais mensuráveis. Hesitou, olhou para a multidão, largou a caixinha e pegou numa enorme tina ali pousada. O mestre Jaskier aprovou a sagacidade do jovem com um benévolo sorriso.

— Mestre! — exclamou uma atraente mulher sentada numa carroça carregada de produtos vimíneos, com o letreiro «Vera Loewenhaupt e Filhos». Dos filhos, nem sinal; por certo estavam ocupados a desperdiçar o dinheiro amealhado pela mãe. — E então, mestre Jaskier? O senhor vai deixar-nos assim, na expectativa? É ponto assente que a sua balada não chegou ao fim. Cante-nos o que aconteceu depois!

— Cantos e baladas — o artista inclinou-se — jamais acabam, minha senhora, porque a poesia é eterna e imortal; não tem princípio nem fim...

— Mas o que aconteceu depois? — insistiu a artesã, não se dando por vencida e generosamente atirando moedas à tina que o discípulo estendia na sua direção. — Pelo menos conte-nos, se já não quiser cantar. Na sua balada não é citado um nome sequer, porém, todos nós sabemos que o bruxo tão exaltado pelo senhor não é outro que não o famoso Geralt de Rívia e que a feiticeira pela qual ele nutre tanta paixão é a não menos famosa Yennefer. Já a Criança Surpresa prometida e predestinada ao bruxo é



Cirilla, a infeliz princesa de Cintra, um país devastado por invasores. Não é verdade?

Jaskier sorriu altiva e misteriosamente.

— Eu canto sobre assuntos universais, generosa benfeitora — afirmou. — Sobre emoções que podem ser sentidas por qualquer um. Não sobre pessoas concretas.

— Pois sim! — berrou alguém do meio da multidão. — Todos nós sabemos que a balada era sobre o bruxo Geralt.

— Sim, sim! — sussurraram em coro as filhas do chanceler Vilibert, retorcendo os seus xails encharcados de lágrimas. — Cante mais, mestre Jaskier! O que aconteceu depois? O bruxo e a feiticeira encontraram-se? Amaram-se? Foram felizes? Queremos saber, mestre!

— Nem pensar! — gritou com voz rouca o líder do grupo de anões, agitando a vasta barba ruiva que lhe chegava à cintura. — Todas essas tretas de princesas, feiticeiras, predestinação, amor e outras tretas de mulher não passam de um monte de merda. Pois tudo aquilo, com o perdão do senhor poeta, foi puro embuste, ou seja, uma invenção poética para que ficasse mais bonito e emocionante. Já as coisas de guerra, como a matança e o saque de Cintra ou as batalhas de Marnadal e Sodden, isso, sim, foi muito bem cantado, Jaskier! Não sinto pena em separar-me de algumas moedas de prata por uma canção dessas, que alegra o coração de um guerreiro! E pode ver-se que não mentiu nem inventou nada, uma vez que eu, Sheldon Skaggs, sei discernir a mentira da verdade, porque estive em Sodden e, com o meu machado na mão, enfrentei os invasores nilfgaardianos...

— Pois eu, Donimir de Troy — exclamou o magro cavaleiro com três leões rampantes bordados no casaco —, participei nas duas batalhas de Sodden e não o vi por lá, senhor anão!

— Porque por certo ficou a tomar conta do acampamento! — disparou de volta Sheldon Skaggs. — Enquanto isso, eu estava na linha da frente, onde as coisas aqueceram!

— Tenha cuidado com o que diz, seu barbudo! — respondeu Donimir de Troy, enrubescendo e puxando para cima o cinturão arqueado com o peso da espada. — E a quem!

— Tenha você cuidado! — retrucou o anão, passando a mão pelo fio do machado enfiado na cintura. A seguir, virou-se para os seus companheiros e arreganhou os dentes. — Olhem só para ele! Um guerreiro janota! Viram o brasão no escudo? Três leões! Dois a cagar e o terceiro a rosnar!

— Calma, calma! — disse com voz forte e cheia de autoridade um

druida grisalho trajado de branco. — O comportamento dos senhores não é adequado! Não aqui, debaixo dos ramos do Bleobheris, um carvalho mais velho do que todas as desavenças e litígios deste mundo! E não na presença do poeta Jaskier, cujas baladas deviam ensinar-nos amor, e não disputas.

— É verdade! — concordou um baixo e gordo sacerdote com o rosto a brilhar de suor. — Vocês contemplam, mas não têm olhos; ouvem, mas os vossos ouvidos estão surdos. Porque em vocês não há amor divino, porque são como barris vazios...

— Já que estamos a falar de barris vazios — retorquiu um narigudo gnomo de cima de uma carroça com o letreiro «Artigos metálicos: confeção e venda» —, tragam mais um, senhores artesãos! A garganta do poeta Jaskier deve estar seca, assim com as nossas, de tanta emoção!

— ... efetivamente como barris vazios, digo-lhes! — O sacerdote abafou as palavras do gnomo, não pretendendo ser desviado do assunto e impedido de continuar o sermão. — Não aprenderam nada com as baladas do senhor Jaskier. Não compreenderam que as baladas falavam do destino humano, do facto de não passarmos de brinquedos nas mãos dos deuses e de as nações serem meros recreios divinos. As baladas referiam-se ao destino de todos nós, e a lenda sobre Geralt e a princesa Cirilla, embora baseada em factos verídicos daquela guerra, não passam de uma metáfora, fruto da imaginação do poeta, que deveria servir para que nós...

— O senhor está a dizer palermices, santo homem! — interrompeu-o Vera Loewenhaupt do alto da sua carroça. — Uma lenda? Fruto da imaginação? Pois saiba que vi Geralt de Rívia com os próprios olhos em Wyzim, onde ele desenfeitou a filha do rei Foltest. Depois, voltei a encontrá-lo no Trilho dos Mercadores, onde, a pedido das corporações, matou um cruel grifo que atacava as caravanas, salvando com o seu ato a vida de muita gente boa. Não, não se trata de uma lenda ou de um conto de fadas. O que o mestre Jaskier cantou aqui foi verdade, a mais pura verdade.

— E eu confirmo — disse uma esbelta guerreira de cabelos negros puxados para trás numa espessa trança. — Eu, Rayla de Líria, conheço Geralt, o *Lobo Branco*, o famoso destruidor de monstros. Também vi, e não apenas uma ou duas vezes, a feiticeira Yennefer, porque costumava visitar a cidade de Vengerberg, em Aedirn, onde ela mora. No entanto, nada sei a respeito de se terem amado.

— Mas deve ser verdade — disse repentinamente com voz melodiosa a bela elfa de gorro de arminho. — Uma balada tão linda sobre o amor não poderia ser falsa.

— Não poderia! — apoiaram-na as filhas do chanceler Vilibert e, como se obedecessem a um comando, esfregaram os olhos com os seus xailes. — Não poderia, de maneira alguma!

— Senhor feiticeiro! — Vera Loewenhaupt virou-se para Radcliffe. — Afinal, amaram-se ou não? Certamente o senhor sabe o que realmente aconteceu entre o bruxo e a tal Yennefer. Satisfaça-nos a curiosidade!

— Se a balada diz que se amaram — o feiticeiro sorriu —, então assim foi, e o seu amor perdurará por séculos. Tal é o poder da poesia.

— Comenta-se — observou o chanceler Vilibert — que Yennefer de Vengerberg tombou no Monte de Sodden. Lá morreram várias feiticeiras...

— Não é verdade — afirmou Donimir de Troy. — O nome dela não figura no monumento. Eu sou daquelas terras; estive algumas vezes no topo do monte e li os nomes gravados no monumento. As feiticeiras que lá caíram foram três: Triss Merigold, Lytta Neyd, conhecida pela alcunha de «Coral»... e o nome da terceira escapou-me...

O cavaleiro olhou para Radcliffe, mas este apenas sorriu, sem dizer uma palavra.

— Quanto àquele bruxo — disse Sheldon Skaggs —, o tal Geralt, que amava a tal Yennefer, parece que já está a comer erva pela raiz. Ouvi dizer que foi trucidado algures pelas bandas de Trásrios. Andou a matar monstros após monstros, até encontrar alguém à sua altura. É como costuma acontecer: quem com ferro mata, com ferro morre. Cada um acaba por se deparar com alguém melhor do que ele e é forçado a sentir o gosto da espada.

— Não acredito nisso — refutou a esbelta guerreira, contorcendo os lábios pálidos, cuspindo veementemente e cruzando sobre o peito os braços protegidos por cota de malha. — Não acredito na possibilidade de Geralt de Rívia ter encontrado alguém superior a ele. Tive a oportunidade de o ver em ação, a manejar a espada. É desumanamente rápido...

— Muito bem dito — intrometeu-se o feiticeiro Radcliffe. — Desumano. Os bruxos são mutantes; por isso, a sua reação...

— Não percebo o que diz, senhor mago — interrompeu a guerreira, franzindo ainda mais os lábios. — As suas palavras são demasiado eruditas. Só sei de uma coisa: jamais conheci um espadachim que pudesse equiparar-se ao *Lobo Branco*, Geralt de Rívia. E é por isso que não acredito que ele possa ter sido vencido num combate, como afirma o senhor anão.

— Todo o espadachim é um medroso quando o inimigo é numeroso — sentenciou Sheldon Skaggs —, como costumam dizer os elfos.

— Os elfos — declarou friamente um alto e louro representante do Povo Antigo parado ao lado da beldade de gorro de arminho — não têm por costume expressar-se numa linguagem de tão mau gosto.

— Não! Não! — sussurraram as filhas do chanceler Vilibert por detrás dos seus xailes verdes. — O bruxo Geralt não pode ter morrido! Ele encontrou Ciri, a ele predestinada, e, depois, a feiticeira Yennefer. Então, todos viveram felizes por muito tempo. Não é verdade, mestre Jaskier?

— As nobres senhoritas não se dão conta de que se trata de uma balada? — O gnomo sedento de cerveja, fabricante de artigos metálicos, bocejou. — Onde se viu procurar verdade numa balada? Verdade é uma coisa, poesia é outra. Vamos pegar, por exemplo, naquela... Como era mesmo o nome dela? Ciri? A famosa Surpresa. Pois saibam que ela é pura invenção do senhor poeta. Estive em Cintra mais de uma vez e sei que o rei e a rainha não tiveram prole, nem filho nem filha...

— Mentel! — gritou um homem ruivo com casaco de pele de foca e a testa atravessada por um lenço axadrezado. — A rainha Calanthe, *Leoa de Cintra*, tinha uma filha chamada Pavetta, que, com o seu marido, morreu afogada numa tempestade em alto-mar.

— Vocês podem ver que não minto! — bradou o indivíduo dos artigos metálicos para todos, de modo a serem suas testemunhas. — O nome da princesa de Cintra era Pavetta, e não Ciri.

— Cirilla, mais conhecida como Ciri, era filha de Pavetta, a que morreu afogada — esclareceu o ruivo. — Era neta de Calanthe, portanto, com o direito a ser chamada princesa. Ela era de facto a Criança Surpresa predestinada a Geralt de Rívia, pois, ainda antes do seu nascimento, a rainha prometeu entregá-la ao bruxo, exatamente como cantou o senhor Jaskier. Só que o bruxo não conseguiu encontrá-la e levá-la consigo; foi nesse ponto que o poeta se desviou da verdade.

— Desviou-se, de facto — interveio um vigoroso jovem que, a julgar pelos trajes, poderia ser um aprendiz de artesão a viajar antes de realizar as provas para o certificado de mestre. — O destino do bruxo passou ao largo dele. Cirilla morreu durante o cerco a Cintra. A rainha Calanthe, antes de se atirar da torre, matou a princesinha para que ela não caísse com vida nas garras dos nilfgardianos.

— Não foi nada assim — protestou o ruivo. — Mataram a princesa no massacre seguinte, quando ela tentava fugir da cidade.

— De uma forma ou de outra — gritou o indivíduo dos artigos metálicos —, o bruxo não encontrou a tal Cirilla. O poeta mentiu!

— Mas mentiu de uma maneira bela — disse a elfa do gorro, abraçando o esbelto elfo.

— Não se trata de poesia, e sim de factos! — vociferou o aprendiz de artesão. — Estou a afirmar que a princesa morreu pelas mãos da própria avó. Qualquer um que esteve em Cintra poderá confirmar isso.

— Pois eu afirmo que ela foi morta nas ruas, quando fugia da cidade — insistiu o ruivo. — Sei disso porque, embora não provenha de Cintra, fiz parte das forças do duque de Skellige, que apoiou Cintra durante a guerra. Como é do conhecimento público, o rei de Cintra, Eist Tuirseach, era um ilhéu de Skellige e tio do duque. Quanto a mim, lutei pelo duque em Marandal e em Cintra, e, após a derrota, na batalha de Sodden...

— Mais um combatente — rosnou Sheldon Skaggs para os anões à sua volta. — Só temos aqui heróis e guerreiros. Ei, companheiros! Será que pelo menos um de vocês não lutou em Marandal ou Sodden?

— A sua ironia é deslocada, Skaggs — disse severamente o esbelto elfo, abraçando a beldade com o gorro de tal maneira que daria por encerradas quaisquer tentativas de outros admiradores. — Não pense que é o único que combateu em Sodden. E não precisamos de procurar muito longe; eu também participei nessa batalha.

— Gostaria de saber do lado de quem — comentou com Radcliffe o chanceler Vilibert, num sussurro que o elfo ouviu, mas solenemente ignorou.

— Como todos sabem — continuou ele, sem sequer lançar um olhar na direção do chanceler e do feiticeiro —, mais de cem mil homens estiveram no campo da segunda batalha de Sodden, dos quais pelo menos trinta mil morreram ou ficaram gravemente feridos. Devemos ficar gratos ao senhor Jaskier por ter immortalizado numa das suas baladas aquela famosa e terrível batalha. Tanto nas palavras como na melodia, não ouvi louvores, mas advertências. Repito: glória e imortal fama ao senhor poeta pela balada, que talvez possa servir para evitar que se repita a tragédia daquela guerra, tão cruel e tão desnecessária.

— Tenho de admitir — disse o chanceler Vilibert, olhando de modo desafiador para o elfo — que desenterrou aspetos interessantes na balada. Guerra desnecessária, disse? Gostaria de evitar outra tragédia? Devemos entender que, caso Nilfgaard nos queira atacar de novo, recomendaria uma capitulação? Uma submissa aceitação do jugo nilfgaardiano?

— A vida é uma dádiva muito preciosa e deve ser protegida — retrucou o elfo friamente. — Nada pode justificar o massacre e a hecatombe que foram as duas batalhas de Sodden, tanto a perda como a ganha.

Ambas vos custaram, humanos, milhares de vidas. Perderam um potencial inestimável.

— Típico discurso de elfos! — explodiu Sheldon Skaggs. — Um monte de parvoíces! Aquele foi o preço a pagar para que outros pudessem viver dignamente e em paz, impedindo que os nilfgaardianos os deixassem cegos e os levassem, acorrentados e sob açoites, para as minas de enxofre e sal. Os que tombaram heroicamente e que graças a Jaskier viverão para sempre na nossa memória ensinaram-nos a defender a nossa casa. Cante as suas baladas, Jaskier, cante-as onde estiver e para todos. O que elas nos ensinaram não será desperdiçado, e vocês hão de ver que voltará a ser-nos útil! Porque, se não for hoje, será amanhã: Nilfgaard atacará de novo e vocês vão lembrar-se das minhas palavras! Agora, eles estão a lamber as feridas e a recuperar as forças, mas está próximo o dia no qual tornaremos a ver os seus mantos negros e elmos adornados com plumas!

— E o que querem eles de nós? — exclamou Vera Loewenhaupt. — Porque é que cismaram connosco? Porque é que não nos deixam em paz para que possamos viver e trabalhar? O que querem os nilfgaardianos?

— Querem o nosso sangue! — urrou o chanceler Vilibert.

— E a nossa terra! — gritou um dos camponeses.

— E as nossas mulheres! — acrescentou Sheldon Skaggs, lançando um olhar feroz em volta.

Alguns riram, mas baixinho, às escondidas. Mesmo que a ideia de que alguém, exceto um anão, pudesse sentir atração pelas extraordinariamente feias anãs fosse engraçada, não era recomendável tocar no assunto na presença dos baixos, musculosos e barbudos rapagões cujos machados e gládios tinham o desagradável costume de saltar dos cinturões com incrível rapidez. E os anões, que por motivos desconhecidos acreditavam que o mundo inteiro desejava as suas esposas e filhas, eram muito sensíveis nesse aspeto.

— Isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde — anunciou de repente o druida de cabelos grisalhos. — Tinha de ser assim. Nós esquecemo-nos de que não estamos sozinhos na face da Terra, de que não somos o umbigo do mundo. Comportando-nos como estúpidos, gordos e preguiçosos peixinhos dourados num lago de água lodosa, não acreditamos na existência de lúcios. Permitimos que o nosso mundo se pantanizasse e tornasse lodoso e indolente como aquele lago. Olhem em volta: por toda a parte crimes e pecados, ganância, busca de lucro fácil, discórdia, decadência dos costumes, falta de respeito a quaisquer valores. Em vez de vivermos como nos manda a natureza, passámos a destruí-la. E o que ganhamos em troca? Ar envenenado pelo fumo

malcheiroso das chaminés das fundições, rios e riachos poluídos por mata-douros e curtumes, florestas inteiras derrubadas... Bah! Até no tronco do sagrado Bleobheris... vejam... ali, logo acima da cabeça do senhor poeta... alguém gravou com uma faca uma expressão de mau gosto, com grosseiros erros ortográficos, ainda por cima. Não bastasse ser vândalo, o sujeito era um ignorante que não sabia escrever. Porque é que, então, estão espantados? Isto tudo tinha de acabar mal...

— Sim, sim! — aproveitou a deixa o gordo sacerdote. — Caiam em vós, pecadores, enquanto é tempo, porque a fúria e a vingança divinas pendem sobre a vossa cabeça! Lembrem-se da sibila Ithlinne e das suas proféticas palavras a respeito do castigo dos deuses que se abaterá sobre a tribo envenenada por crimes: «Acerca-se o Tempo do Desprezo. A árvore perderá as folhas, o broto secará, o fruto apodrecerá e a semente amargará. Nos rios dos vales, em vez de água, haverá gelo. E virá o Frio Branco, depois dele a Luz Branca, e o mundo morrerá por entre nevascas.» Assim falou a sibila Ithlinne! E antes que isso aconteça, haverá sinais visíveis e desabarão pragas. Não se esqueçam: Nilfgaard é um castigo divino! É o açoite com o qual os Imortais vos flagelarão, pecadores, para que possam...

— Ei, cale-se, seu velho armado em santo! — urrou Sheldon Skaggs, batendo os pés calçados com botas pesadas. — As suas superstições e tolices dão-me vômitos! Só de pensar nelas, as minhas entranhas contorcem-se.

— Cuidado, Sheldon — interrompeu-o o esbelto elfo, sorrindo. — Não brinque com a religião dos outros. Tal não é bonito, nem bem-educado, nem... seguro.

— Não estou a brincar com nada — protestou o anão. — Não questiono a existência de deuses, porém, fico revoltado quando alguém os envolve em assuntos mundanos e delira com profecias de uma elfa maluca. Os nilfgaardianos como instrumento dos deuses? Absurdo! Humanos, tragam à memória a época de Dezmond, Radowid, Sambuk, os tempos de Abrad, *o Velho Carvalho!* Não, não vão lembrar-se, porque vivem por pouco tempo, como os besouros-de-maio, mas eu, sim. Vou, então, recordar-vos de como as coisas se passaram aqui, logo depois de terem desembarcado das vossas naus nas praias da foz do Jaruga e do delta do Pontar. Das quatro naus que aportaram, saíram três reinos. Os mais fortes foram engolindo os mais fracos e crescendo, solidificando, assim, o seu poder. Atacavam os outros e absorviam-nos por completo, tornando os seus reinos cada vez maiores e mais fortes. E agora Nilfgaard faz exatamente o mesmo, pois é um país forte, unificado, disciplinado e homogéneo. Se não se unirem como os nilfgaardianos, eles

vão engolir-vos como os lúcios engolem peixinhos dourados, tal como disse o sábio druida.

— Pois que ousem tentar! — exclamou Donimir de Troy, enchendo o peito ornado por três leões e batendo na espada embainhada. — Nós já lhes demos uma lição em Sodden e poderemos dar-lhes outra.

— Quanta presunção! — rosnou Sheldon Skaggs. — Ao que tudo indica, o nobre guerreiro esqueceu-se de que, antes da segunda batalha de Sodden, Nilfgaard passou como um tronco compressor pelas vossas terras, cobrindo com cadáveres de fanfarrões como o senhor todos os campos desde Marnadal até Trásrios. E quem conseguiu deter os nilfgaardianos não foi um bando de desordeiros da sua laia, mas as forças unidas de Temeria, Redânia, Aedirn e Kaedwen. Concórdia e união, eis o que os deteve!

— Não foi apenas isso — disse Radcliffe, com voz firme e gélida. — Não apenas isso, senhor Skaggs.

O anão pigarreou, assoou o nariz, esfregou, desajeitado, as botas sobre a relva e, por fim, inclinou-se levemente na direção do feiticeiro.

— Ninguém pretende diminuir os méritos dos seus confrades, senhor feiticeiro — disse. — Seria uma ignomínia não reconhecer o heroísmo dos feiticeiros do Monte de Sodden, porque eles comportaram-se com muita bravura, derramaram o seu sangue por uma causa comum e foram importantes na obtenção da vitória.

» Jaskier não se esqueceu deles na sua balada, assim como nós não esqueceremos. No entanto, deve levar em consideração que os feiticeiros, que unidos e solidários lutaram no Monte, aceitaram a liderança armada de Vilgeforz de Roggeveen, assim como nós, os guerreiros dos Quatro Reinos, reconhecemos o comando de Vizimir da Redânia. É uma pena que tal concórdia e solidariedade tenham durado somente no decurso da guerra, porque, assim que veio a paz, voltámos a dividir-nos. Vizimir e Foltest tentam estrangular-se um ao outro com impostos alfandegários e leis comerciais, Demawend de Aedirn briga com Henselt por causa do Condado Boreal, enquanto a Liga de Hengfors e os Thyssenidas de Kovir não se importam nada com tudo isto. Além disso, pelo que ouvi dizer, também entre os feiticeiros não vale a pena procurar a concórdia de antes. Entre vocês, não há um pingão de solidariedade, unidade e disciplina, qualidades que Nilfgaard tem de sobra!

— Nilfgaard é governado pelo imperador Emhyr var Emreis, um autocrata tirânico que exige obediência através do castigo, da força e da foice! — esbravejou o chanceler Vilibert. — O que nos propõe, senhor anão? Que deveríamos submeter-nos a uma tirania como aquela? E qual seria o rei cujo



reino, na sua opinião, haveria de submeter os demais? Em mãos de quem gostaria de ver o ceptro e o chicote?

— E o que tenho a ver com isso? — Skaggs encolheu os ombros. — Esse é um assunto vosso, humanos. Aliás, não importa quem escolhessem como rei, porque certamente não seria um anão.

— Nem um elfo, nem mesmo um meio-elfo — acrescentou o esbelto representante do Povo Antigo, sempre abraçado à beldade do gorro de arminho. — Vocês chegam a considerar um quarto-elfo um ser inferior.

— E é isso que os incomoda tanto. — O chanceler riu-se. — Vocês alinham o diapasão por Nilfgaard; os nilfgaardianos também gritam sobre igualdade, prometendo-lhes o retorno dos antigos privilégios assim que nos derrotarem e expulsarem destas terras. É com tal tipo de unificação e igualdade que vocês sonham e que anunciam por toda a parte, porque Nilfgaard vos paga por isso com ouro! E não é de espantar que gostem tanto deles, pois os nilfgaardianos fazem parte da raça élfica.

— Tolice — disse o elfo friamente. — Só diz parvoíces, cavaleiro. É óbvio que o racismo o cega. Os nilfgaardianos são seres humanos iguaizinhos a vocês.

— Que mentira deslavada! Todos sabem que eles descendem dos Seidhe Negros! Nas veias deles corre sangue élfico! O sangue dos elfos!

— E o que corre nas vossas veias? — indagou o elfo, com um sorriso sarcástico. — Vocês e nós temos misturado os nossos sangues desde há gerações, séculos, o que pode ser bom ou mau, não sei. Vocês começaram a perseguir os mestiços há menos de um quarto de século, aliás, com desprezíveis resultados. Diante disso, mostrem-me agora um humano sem um pingo de Seidhe Ichaer, o sangue do Povo Antigo.

Vilibert enrubesceu, assim como Vera Loewenhaupt. O feiticeiro Radcliffe tossiu e baixou a cabeça. E, por mais estranho que pudesse parecer, até a bela elfa do gorro de arminho ficou ruborizada.

— Todos somos filhos da mesma Mãe Terra — ecoou no silêncio a voz do druida grisalho. — Somos filhos da Mãe Natureza, e, apesar de nem sempre a respeitarmos, de uma vez por outra lhe causarmos preocupação e sofrimento, de lhe partirmos o coração, ela ama-vos a todos. Lembremo-nos disso aqui, no Local da Amizade. E não vamos discutir quem foi o primeiro a chegar, porque a primeira foi a Bolota atirada pelas ondas do mar, da qual germinou o Grande Bleobheris, o mais antigo de todos os carvalhos. Ao estarmos debaixo dos ramos do Bleobheris, entre as suas raízes seculares, não devemos esquecer as nossas raízes fraternas, nem a terra da qual brotam essas raízes. Recordemos as palavras da balada do poeta Jaskier...

— Por falar nele — exclamou Vera Loewenhaupt —, onde será que se meteu?

— Desapareceu — constatou Sheldon Skaggs, olhando para o lugar vazio sob o carvalho. — Pegou no dinheiro e desapareceu sem se despedir, numa atitude típica de elfos!

— De anões! — retrucou o gnomo dos artigos metálicos.

— De seres humanos — corrigiu-os o alto elfo, enquanto a beldade do gorro de arminho apoiava a cabeça no seu ombro.

— Ei, menestrel — disse Mama Lantieri, entrando nos aposentos sem bater e trazendo consigo odores de jacinto, suor, cerveja e toucinho defumado. — Tem um visitante. Entre, cavalheiro.

Jaskier ajeitou os cabelos e aprumou-se na enorme cadeira de braços. As duas jovens sentadas nos seus joelhos levantaram-se de um pulo, cobriram os seus encantos e fecharam depressa as blusas desalinhadas. *O pudor das prostitutas*, pensou o poeta, *eis um bom título para uma balada*. Ergueu-se, afivelou o cinto e vestiu o casaco, olhando para o fidalgo parado no vão da porta.

— Tenho de admitir — afirmou — que sabe encontrar-me em qualquer lugar, embora não escolha o momento mais adequado para isso. Sorte a sua eu ainda não ter decidido qual das duas beldades prefiro. E, com os preços que cobra Lantieri, não posso dar-me ao luxo de ficar com as duas.

Mama Lantieri sorriu, compreensiva, e bateu palmas. As duas jovens — uma insular de pele clara e sardenta e uma meio-elfa morena — saíram rapidamente dos aposentos. O homem à porta tirou a capa e entregou-a a Mama, com uma bem recheada bolsa de couro.

— Perdoe-me, mestre — disse, aproximando-se e sentando-se à mesa. — Sei que vim importuná-lo num momento inapropriado, mas o senhor desapareceu tão depressa daquele carvalho... Não consegui alcançá-lo na estrada, conforme havia planeado, e levei algum tempo a encontrar uma pista sua na pequena cidade. Saiba que não vou tomar muito do seu tempo...

— Todos prometem isso, e é sempre mentira — interrompeu-o o bardo. — Deixe-nos a sós, Lantieri, e tome providências para que não sejamos interrompidos. Sou todo ouvidos, cavalheiro.

O homem lançou-lhe um olhar perscrutador. Tinha olhos escuros e húmidos, quase lacrimejantes, nariz aquilino e lábios finos e feios.

— Vou direito ao assunto, sem desperdiçar o seu tempo — declarou,

assim que Mama fechou a porta. — Sempre estive interessado nas suas baladas, mestre. Para ser mais preciso, em certas pessoas que fazem parte delas. Tenho especial interesse no destino dos heróis das suas baladas. Afinal, se não me engano, foram pessoas reais que serviram de inspiração às belas obras que ouvi debaixo do carvalho, não é verdade? Refiro-me... à pequena Cirilla de Cintra, neta da rainha Calanthe.

Jaskier olhou para o teto, tamborilando os dedos no tampo da mesa.

— Cavalheiro — disse secamente —, está interessado em coisas estranhas e faz-me perguntas sobre coisas estranhas. Algo me diz que não é quem eu pensava que fosse.

— E quem pensava que eu fosse, se é que posso saber?

— Não sei se pode. Vai depender das saudações que me transmitirá dos nossos amigos comuns. Deveria ter começado a nossa conversa por aí, mas acho que se esqueceu.

— Não esqueci de maneira nenhuma. — O desconhecido enfiou a mão no bolso do seu casaco de veludo sépia e tirou de lá outra bolsa recheada, um pouco maior do que aquela que dera à caftina e que emitiu sons metálicos ao tocar o tampo da mesa. — Acontece, Jaskier, que nós não temos amigos comuns, mas será que esta bolsa não mitigaria tal lacuna?

— O que pretende comprar com essa magra bolsa? — indagou o trovador. — Todo o bordel da Mama Lantieri e os terrenos ao redor?

— Digamos que desejo apoiar a arte. E o artista. Faça isso com o intuito de poder ter uma conversa com o artista sobre a sua obra.

— Ama a arte a esse ponto, cavalheiro? E tem tanta pressa em iniciar a tal conversa com o artista que lhe oferece dinheiro antes mesmo de se apresentar, quebrando as normas da boa educação?

— No início da nossa conversa — disse o desconhecido, semicerrando quase impercetivelmente os olhos escuros —, ignorar a minha identidade não pareceu incomodá-lo.

— Mas passou a incomodar-me.

— Não me envergonho do meu nome — afirmou o homem, com um leve sorriso nos lábios finos. — Chamo-me Rience. Não me conhece, mestre Jaskier, o que não é de estranhar. O senhor é demasiado famoso para conhecer todos os seus admiradores. Já cada admirador do seu talento tem a impressão de o conhecer tão bem que um certo nível de intimidade não parece desajustado. Tal comportamento aplica-se a mim em toda a sua extensão. Estou ciente de que é uma impressão falsa e espero que me perdoe benevolmente por isso.

— Eu perdoo-o benevolentemente.

— Isso significa que posso contar com a sua predisposição para responder a algumas perguntas...

— Não, não pode — interrompeu-o o poeta, com arrogância. — Agora é a minha vez de lhe pedir o seu benevolente perdão, mas o facto é que não gosto de discutir a temática das minhas obras, muito menos a das suas personagens, fictícias ou não. Isso despe a poesia da sua camada poética e conduz à trivialidade.

— Será?

— Com certeza. Se eu, depois de cantar uma balada sobre uma alegre moleira, anunciasse que se tratava de Zvirka, a esposa do moleiro Piskorz, e acrescentasse que podia ser facilmente fodida todas as quartas-feiras, dia da semana em que o marido vai sempre ao mercado, aquilo já não seria poesia, e sim uma típica grosseria, ou então uma vergonhosa calúnia.

— Entendo, entendo — disse rapidamente Rience. — Mas creio que o exemplo não foi bom. Afinal, não estou interessado em pecados e farras de quem quer que seja. O senhor não irá caluniar ninguém ao responder às minhas perguntas. Preciso apenas de uma pequena informação: o que aconteceu realmente a Cirilla, a princesinha de Cintra? Uma porção de pessoas afirma que ela morreu durante a conquista da cidade, havendo até testemunhas oculares. No entanto, a julgar pela sua balada, a criança sobreviveu. Estou mesmo curioso em saber se isso é fruto da sua imaginação ou um facto. Verdade ou mentira?

— Fico deveras contente com a sua curiosidade. — Jaskier mostrou um largo sorriso. — O senhor... como é mesmo o seu nome...? Vai achar engraçado, mas era exatamente isso que eu queria ao compor a balada. Queria excitar os meus ouvintes e despertar neles a curiosidade.

— Verdade ou mentira? — repetiu friamente Rience.

— Caso eu o revelasse, estragaria o efeito do meu trabalho. Adeus, meu amigo. O senhor gastou todo o tempo que pude dedicar-lhe. Enquanto isso, duas inspirações minhas aguardam ansiosamente para saber qual delas vou escolher.

Rience permaneceu um longo tempo em silêncio, sem indício algum de se preparar para sair. Encarava Jaskier com um olhar húmido e antipático, e o poeta começou a sentir um crescente desconforto. Do salão principal do prostíbulo chegavam sons de uma alegre algazarra, pontuada de vez em quando por agudas risadas femininas. O bardo virou a cabeça, como se demonstrasse desprezo, mas, na realidade, queria calcular a distância que o

separava do canto dos aposentos e da tapeçaria com a imagem de uma ninfa a derramar água de uma jarra sobre os peitos.

— Jaskier — disse finalmente Rience, enfiando a mão no bolso do casaco sépia. — Por favor, responda à minha pergunta. Eu preciso de saber a resposta. É extremamente importante para mim e, acredite, também para si, porque, se não responder a bem, então...

— Então, o quê?

Os estreitos lábios de Rience contorceram-se num horrendo esgar.

— Então, terei de o obrigar a responder.

— Pois ouça lá, seu vagabundo. — Jaskier ergueu-se, esforçando-se por parecer ameaçador. — Odeio violência e o uso de força, mas vou chamar a Mama Lantieri agora mesmo, e ela chama o Gruzila, que exerce neste bordel a nobre e responsável função de leão doméstico. Trata-se de um autêntico artista na sua profissão. Vai dar-lhe um pontapé no traseiro e o senhor vai passar a voar sobre os telhados desta cidade de uma maneira tão bela que os poucos transeuntes presentes a esta hora o tomarão por Pégaso.

Rience fez um gesto rápido, e algo lhe brilhou na mão.

— Tem a certeza de que conseguirá chamá-lo a tempo?

Jaskier não tinha a intenção de verificar se conseguiria ou não. Tampouco pretendia esperar. Antes mesmo de a lâmina girar e se encaixar na mão de Rience, o bardo saltou até ao canto dos aposentos, mergulhou para trás da tapeçaria com a ninfa, deu um pontapé numa portinhola secreta e atirou-se de cabeça sobre uma escada em espiral, deslizando sobre o seu encerado corrimão. Rience correu atrás dele, mas o poeta, que conhecia aquela passagem secreta tão bem quanto o próprio bolso, estava seguro de si. Já a havia usado para fugir de credores, maridos ciumentos e concorrentes dispostos a partir-lhe a cara pelo ocasional roubo de rimas ou partituras. Sabia que, ao chegar ao terceiro andar, poderia tatear uma portinhola giratória atrás da qual havia uma escada que levava ao porão. Tinha a certeza de que o seu perseguidor, assim como vários outros antes dele, não conseguiria travar a tempo e continuaria a descer até embater num alçapão que, ao abrir-se, o faria cair num chiqueiro. Também estava convicto de que o contundido perseguidor, cober-to de bosta e perturbado pelos porcos, desistiria da perseguição.

Jaskier, como sempre quando tinha a certeza de algo, estava enganado. Apercebeu-se de um brilho azulado nas suas costas e sentiu os seus membros a entorpecerem e a ficarem rígidos. Não conseguiu diminuir a velocidade da descida ao passar pela portinhola giratória e as suas pernas não obedeceram ao seu comando. Soltou um grito e rolou escada abaixo,

resvalando pelas paredes. O alçapão abriu-se com um estalido e o trovador desabou na escuridão e fedor. Antes de perder os sentidos ao bater no chão, lembrou-se de que Mama Latieri havia mencionado algo sobre uma reforma no chiqueiro.

Recuperou a consciência ao sentir uma dor excruciante nos pulsos atados e nos braços, cruelmente retorcidos nas articulações. Quis gritar, mas não pôde; pareceu-lhe que alguém lhe selara a boca com barro. Estava ajoelhado no chiqueiro, com uma rangente corda a puxá-lo para cima pelos pulsos. Quis erguer-se para dar uma folga aos braços, mas as pernas também estavam amarradas. No entanto, com grande esforço e quase sufocando, conseguiu pôr-se de pé, com a ajuda da corda que o puxava implacavelmente para cima.

Rience estava parado diante dele. Os seus malvados olhos húmidos brilhavam à luz de uma lanterna na mão de um desconhecido mal-encarado de quase dois metros e com barba por fazer parado ao seu lado. Outro facínora, certamente não menor do que o primeiro, mantinha-se atrás dele. Jaskier ouvia a sua respiração e sentia um fedor de suor ressequido. Era exatamente aquele fedorento que puxava a corda presa aos pulsos do poeta e passada sobre uma viga no teto.

Os pés de Jaskier descolaram-se do chão. O poeta expulsou o ar pelo nariz, a única coisa que era capaz de fazer.

— Chega — disse Rience logo a seguir, mas para o bardo pareceu que havia demorado séculos. Tocou no chão com a ponta dos pés, porém, apesar de todo o seu esforço, não conseguiu ajoelhar-se; o facínora fedorento ainda o mantinha esticado como uma corda de violino.

Rience aproximou-se. O seu rosto não demonstrava o mínimo sinal de emoção e os lacrimejantes olhos mantinham a expressão inalterada, assim como a voz, calma, sussurrada e levemente entediada.

— Seu asqueroso rimador de merda! Seu anão de meia-tigela! Seu refugo! Seu arrogante zé-ninguém! Pretendia fugir de mim? Até hoje, ninguém conseguiu fazê-lo. Nós não terminámos a nossa conversa, seu cabotino, fanfarrão, cabeça de bode. Eu perguntei-lhe algo em condições muito mais agradáveis. Agora, vai responder-me em condições não tão agradáveis. Não é verdade que vai responder?

Jaskier assentiu avidamente com a cabeça. Foi só então que Rience sorriu e fez um sinal. O bardo guinchou, desesperado, ao sentir a corda a retesar-se e os braços virados para trás a começarem a estalar nas articulações.

— Não está em condições de falar — constatou Rience, ainda a sorrir. — E está a doer, não é verdade? Saiba que por enquanto estou a mandar erguê-lo somente por puro prazer, porque adoro ver os outros a sentirem dor. Vamos lá, um pouco mais alto.

Jaskier quase se engasgou com o urro que emanou da sua boca.

— Já chega — ordenou finalmente Rience, aproximando-se e agarrando o poeta pelo colarinho. — Ouça-me bem, pavão. Vou desfazer o feitiço, para que possa falar. Mas, se erguer a sua encantadora voz acima do necessário, vai arrepender-se amargamente.

Fez um gesto com a mão, tocou na bochecha do poeta e Jaskier sentiu que recuperava a sensibilidade da mandíbula, da língua e do palato.

— E agora — continuou Rience, baixinho —, vou fazer-lhe algumas perguntas, e vai responder de forma rápida, fluida e compreensível. E, se hesitar ou gaguejar por um momento, se me der qualquer motivo para suspeitar da veracidade das suas afirmações, então... Olhe para baixo.

Jaskier obedeceu, constatando com horror que de um dos seus tornozelos pendia uma curta corda, com a outra extremidade presa a um balde cheio de cal.

— Caso eu mande erguê-lo mais alto — Rience sorriu de maneira horrenda — com aquele balde, certamente jamais recuperará o movimento das mãos. Duvido muito que nessas condições possa voltar a tocar alaúde. Duvido de todo, na verdade. Diante disto, imagino que esteja disposto a falar. Estou certo?

Jaskier não confirmou, pois, paralisado pelo medo, não conseguia mexer a cabeça nem emitir um som. Rience não dava a impressão de precisar de confirmação.

— Quanto a mim, quero que entenda — anunciou — que saberei imediatamente se estiver a mentir, se estiver a querer despistar-me, e não me deixarei confundir com ditos poéticos ou nebulosa erudição. Para mim, isso são bagatelas, assim como foi de pouca monta paralisá-lo naquelas escadas. Portanto, seu patife, é bom que pese cada palavra que disser. Mas não percamos mais tempo; vamos começar. Como sabe, estou interessado na heroína de uma das suas lindas baladas, a neta da rainha Calanthe de Cintra, a princesa Cirilla, carinhosamente chamada de Ciri. De acordo com testemunhas oculares, ela morreu durante a conquista da cidade, há dois anos. No entanto, na sua balada descreve de maneira comovente o seu encontro com aquele esquisito e quase lendário personagem, o tal... bruxo Geralt ou Gerald. Deixando de lado as patéticas poéticas sobre predestinação e juízos

do destino, a balada parece indicar que a criança escapou com vida às batalhas de Cintra. Isso é verdade?

— Não sei... — gemeu Jaskier. — Pelos deuses, eu não passo de um poeta! Ouvi isto e aquilo, e o resto...

— Sim?

— O resto eu simplesmente inventei. Dei asas à minha imaginação! Não sei de nada! — uivou o bardo, vendo Rience fazer um sinal ao fedorento e sentindo a corda a retesar-se mais. — Não estou a mentir!

— De facto. — Rience acenou com a cabeça. — Não está a mentir diretamente, porque eu teria percebido. Mas está a esconder alguma coisa. Não inventaria uma balada assim do nada, sem motivo algum. Além disso, conhece pessoalmente o tal bruxo. Vocês foram vistos juntos mais de uma vez. Vamos, desembuche logo, Jaskier, se é que tem amor às suas articulações. Conte tudo o que sabe.

— A tal Ciri — arfou o poeta — foi predestinada ao bruxo. Chamámo-lhe Criança Surpresa... Deve ter ouvido falar disso; é uma história muito conhecida. Os pais prometeram entregá-la ao bruxo...

— Os pais entregariam a sua filha àquele mutante maluco? Àquele assassino contratado? Está a mentir, rimador. Pode cantar esse tipo de coisas às mulheres.

— Foi isso mesmo; juro pela alma da minha mãe — soluçou Jaskier. — Sei disso de uma fonte... O bruxo...

— Fale-me da miúda. Por enquanto, não estou interessado no bruxo.

— Não sei nada da miúda! Sei apenas que o bruxo foi para Cintra atrás dela quando eclodiu a guerra. Encontrei-o naquela época. Foi por mim que ele soube da carnificina, da morte de Calanthe... Ele perguntou-me por essa criança, a neta da rainha... Mas eu já sabia que todos os que tinham estado em Cintra haviam morrido e que do último bastião não sobrara viva alma...

— Seja mais claro. Menos metáforas, mais pontos concretos.

— Quando o bruxo soube da queda de Cintra e do massacre, desistiu de viajar para lá. Ambos fugimos para o Norte. Separei-me dele em Hengfors e nunca mais o vi... E como pelo caminho as pessoas andavam a falar daquela... Ciri, ou lá qual fosse o nome dela... e sobre predestinação... acabei por compor essa balada. Não sei de mais nada, juro!

Rience olhou para ele atentamente.

— E onde está o tal bruxo neste momento? — perguntou. — Aquele assassino de monstros, carniceiro poético que gosta de dissertar sobre predestinações?



— Já lhe disse que o vi pela última vez em...

— Sei o que me disse — interrompeu-o Rience. — Ouço atentamente tudo o que diz. Agora, ouça o que eu tenho a dizer. Responda com precisão às perguntas que lhe são feitas. A pergunta seguinte é: se ninguém viu o bruxo Geralt, ou Gerald, durante mais de um ano, onde é que ele se esconde? Onde é que ele costuma esconder-se?

— Não sei onde aquilo fica — disse rapidamente o trovador. — Não estou a mentir. Realmente não sei...

— Rápido de mais, Jaskier, rápido de mais — disse Rience, com um sorriso ameaçador. — Muito sôfrego. Você é esperto, mas não suficientemente cuidadoso. Diz que não sabe onde aquilo fica, porém, tenho a certeza de que sabe o que aquilo é.

Jaskier cerrou os dentes. De raiva e de desespero.

— E então? — indagou Rience, fazendo um sinal ao fedorento. — Onde se esconde o bruxo? Qual o nome do lugar?

O poeta permaneceu em silêncio. A corda retesou-se, retorcendo dolorosamente os braços, afastando os pés do chão. Jaskier soltou um urro, logo interrompido, porque o anel encantado de Rience amordaçou-o.

— Mais alto, mais alto. — Rience apoiou as mãos nos quadris. — Sabe uma coisa, Jaskier? Eu poderia sugar-lhe o cérebro com magia, mas é um processo muito cansativo. Além disso, gosto de observar quando os olhos de alguém saltam das órbitas de tanta dor. E, por fim, há de acabar por falar.

Jaskier sabia que falaria. A corda amarrada ao seu tornozelo esticou-se; o balde cheio de cal arrastou-se sonoramente pelo chão.

— Senhor — disse repentinamente o bandido com a lanterna, cobrindo-a com a capa e olhando através de uma fresta na portinhola do chiqueiro. — Vem aí alguém. Parece ser uma mulher.

— Já sabem o que devem fazer — rosou Rience. — Apaga a lanterna.

O fedorento soltou a corda e Jaskier desabou no chão, mas de uma forma que lhe permitiu ver o primeiro facínora postar-se junto da porta, enquanto o fedorento, com uma faca na mão, se ocultava do outro lado. Através dos espaços entre as tábuas, filtravam-se luzes do bordel e o poeta ouvia vozes e cantos vindos de lá.

A porta do chiqueiro rangeu e abriu-se, revelando no seu vão um vulto feminino envolto numa capa e com um pequeno chapéu redondo enfiado na cabeça. Após um momento de hesitação, a mulher atravessou a soleira. O fedorento atirou-se sobre ela, desferindo-lhe um golpe com a faca, e caiu de joelhos, uma vez que a arma não encontrou resistência alguma, passando

pelo pescoço do vulto como por uma nuvem de fumo. E efetivamente o vulto era uma nuvem de fumo que já começava a desfazer-se. Antes, porém, que ela se dissipasse por completo, adentrou o chiqueiro outro vulto, meio esborratado, escuro e ágil como uma doninha. Jaskier viu-o saltar agilmente por cima do fedorento e atirar a sua capa sobre o bandido com a lanterna, notou em algo a brilhar-lhe na mão e ouviu o fedorento engasgar-se e soltar um gorgolejo selvagem. O outro facínora conseguiu desvencilhar-se da capa, deu um pulo para a frente e preparou-se para atacar com a faca. Da mão do vulto negro emanou um raio flamejante que se liquefez com um estrondo infernal e, parecendo óleo em chamas, espalhou-se sobre o peito e o rosto do bandido. O brutamontes soltou um urro terrível e o chiqueiro impregnou-se com o nojento cheiro de carne queimada.

Foi então que Rience atacou. O feitiço clareou a escuridão com um brilho azul-celeste, graças ao qual Jaskier pôde ver uma mulher esbelta com trajes masculinos gesticulando de maneira estranha com as mãos. Viu-a apenas por uma fração de segundo, porque a claridade azulada desapareceu de repente entre um estrondo e um brilho ofuscante, enquanto Rience, com um grito de raiva, voava para trás, caindo sobre as divisórias de madeira e partindo-as com grande estalido. A mulher com trajes masculinos saltou na sua direção, empunhando um estilete. O chiqueiro voltou a encher-se de brilho, desta vez dourado, que emanava de um campo de luz oval, tendo surgido num abrir e fechar de olhos em pleno ar. Jaskier viu Rience a erguer-se depressa e a saltar para dentro do campo de luz, desaparecendo logo a seguir. O campo de luz perdeu o brilho, mas, antes de se apagar por completo, a mulher conseguiu alcançá-lo, estender a mão e gritar algo incompreensível para o seu interior. Algo estalou e farfalhou, e o já quase extinto campo de luz fervilhou com chamas por um momento. De longe, muito de longe, chegou aos ouvidos de Jaskier um som confuso, uma voz que lembrava um grito de dor. O campo de luz apagou-se de vez e o chiqueiro voltou a mergulhar na escuridão. O poeta sentiu soltar-se a força que mantinha a sua boca selada.

— Socorro! — berrou. — Ajudem-me!

— Para de gritar, Jaskier — disse a mulher, ajoelhando-se ao seu lado e cortando os nós com a adaga de Rience.

— Yennefer? És tu?

— Não me digas que te esqueceste do meu aspeto. Além disso, a minha voz não deve soar estranha ao teu ouvido musical. Consegues levantar-te? Partiram-te algum osso?

Jaskier ergueu-se com dificuldade, soltou um gemido e começou a massajar os braços doridos.

— O que lhes aconteceu? — perguntou, apontando para os corpos caídos no chão do chiqueiro.

— Vamos verificar — respondeu a feiticeira, fechando com um estalido a adaga. — Gostaria que um deles estivesse vivo, pois teria umas perguntas a fazer-lhe.

— Este aqui — disse o trovador, parado junto do fedorento — parece vivo.

— Acho pouco provável — afirmou Yennefer, impassível. — Cortei-lhe a carótida e a traqueia. Talvez algo ainda sussurre nele, mas não por muito tempo.

Jaskier estremeceu.

— Degolaste-o?

— Não fosse o meu inato senso de precaução que me fez enviar uma ilusão antes de mim, seria eu quem estaria caída aqui agora. Vamos ver o outro... Que chatice! Olha para ele; um homenzarrão deste tamanho e não aguentou. É uma pena.

— Também está morto?

— Sim. Não suportou o choque... Devo tê-lo queimado um pouco de mais... Olha, até os dentes ficaram chamuscados... O que é que tens, Jaskier? Vais vomitar?

— Vou — respondeu indistintamente o poeta, inclinando o corpo e apoiando a testa na parede do chiqueiro.

— E isso foi tudo? — perguntou a feiticeira, colocando de lado a caneca e estendendo a mão para o espeto com frangos. — Não mentiste? Não te esqueceste de nada?

— De nada, além de te agradecer. Muito obrigado, Yennefer.

Yennefer fixou os olhos nos de Jaskier e fez um pequeno movimento com a cabeça. Os brilhantes cachos negros agitaram-se e caíram em cascata sobre os ombros. Pousou um dos frangos assados sobre um prato de madeira e tratou de o desossar habilmente, com garfo e faca. Até então, Jaskier conhecera apenas uma pessoa capaz de comer um frango com a mesma destreza com aqueles apetrechos. Agora sabia onde e com quem Geralt aprendera aquilo. *Não é de espantar, pensou. Afinal, ele morou com ela um ano inteiro na sua casa em Vengerberg e, antes de ele fugir de lá, ela deve ter-lhe ensinado uma*

*porção de coisas esquisitas.* Tirou outro frango do espeto e, sem pensar duas vezes, arrancou uma das coxas e começou a trinchá-la com os dentes, segurando-a ostensivamente com as mãos.

— Como é que soubeste? — indagou. — Como conseguiste chegar a tempo de me ajudar?

— Estive sob o Bleobheris durante a tua apresentação.

— Não te vi.

— Porque não queria ser vista. Depois, vim para esta cidadezinha atrás de ti. Fiquei aqui à espera, neste albergue... Não ficava bem eu ir até ao lugar onde foste, aquele local de dúbio prazer e infalível gonorreia. Finalmente, perdi a paciência e fui até lá. Estava a dar voltas pelo pátio quando ouvi sons vindos do chiqueiro. Agucei a minha audição e percebi que não se tratava de um sodomita, como havia pensado de início, e sim de ti. Ei, senhor taberneiro! Mais vinho, por favor!

— Às suas ordens, distinta dama! Já vou providenciar!

— Do mesmo que antes, por favor, mas desta vez sem água. Só tolero água no banho; misturada no vinho é detestável.

— Às suas ordens, às suas ordens!

Yennefer afastou o prato. Jaskier notou que no frango sobrara carne suficiente para o almoço do estalajadeiro e toda a sua família. Garfo e faca podiam ser elegantes e distintos, mas evidentemente pouco práticos.

— Agradeço-te — repetiu — por me teres salvado. Aquele maldito Rience não me deixaria vivo. Teria arrancado de mim tudo o que sei e, depois, degolar-me-ia como a um carneiro.

— Também acho. — Yennefer encheu as duas canecas de vinho e ergueu a sua. — Face a isso, brindemos à tua saúde, Jaskier.

— E à tua, Yennefer. À saúde pela qual, a partir de hoje, vou rezar em todas as oportunidades que tiver. Estou em dívida para contigo, bela dama, e pagarei essa dívida com as minhas baladas. Lançarei nelas o mito segundo o qual os feiticeiros não se importam com sofrimentos alheios ou não se esforçam para ajudar os desconhecidos, pobres e infelizes mortais.

— O que se pode fazer? — Ela sorriu, semicerrando levemente os belos olhos cor de violeta. — Um mito lá terá os seus motivos; não surgiu do nada. Além disso, não és um desconhecido, Jaskier. Afinal, eu conheço-te e gosto de ti.

— A sério? — O poeta também sorriu. — Tenho de admitir que soubeste ocultar tal facto com muita habilidade. Cheguei a acreditar que me detestavas como à própria peste.

— E detestava — respondeu a feiticeira, repentinamente séria. — Depois, mudei de opinião. Então, fiquei-te grata.

— Grata porquê, se é que posso perguntar?

— Isso não é importante — disse Yennefer, brincando com a caneca vazia. — Vamos dedicar-nos a perguntas mais sérias, como, por exemplo, aquelas que te fizeram no chiqueiro, enquanto tentavam arrancar-te os braços das articulações. O que aconteceu mesmo, Jaskier? Realmente nunca mais viste o Geralt desde a vossa fuga nas margens do Jaruga? Não sabias que ele voltou ao Sul depois da guerra? Que foi de tal maneira ferido que chegou a circular um boato de que havia morrido? Não sabias de nada disso?

— Não. Não sabia. Passei muito tempo em Pont Vanis, na corte de Esterat Thyssen. Depois, na corte de Niedamir, em Hengfors...

— Não sabias... — A feiticeira acenou com a cabeça e desabotoou o casaco. No seu colo, pendendo de uma fita de veludo negro, brilhou uma estrela de obsidiana cravejada de diamantes. — Não sabias que, assim que sarou, Geralt partiu para Trásrios? Podes adivinhar à procura de quem?

— Posso imaginar. Mas, se a encontrou, não sei.

— Não sabes — repetiu ela. — Logo tu, que de tudo sabes e sobre tudo cantas, mesmo sobre assuntos tão íntimos como os sentimentos. Lá, debaixo do Bleobheris, ouvi as tuas baladas, Jaskier. Dedicaste algumas estrofes à minha pessoa.

— A poesia — murmurou Jaskier, com os olhos fixos no frango — possui leis próprias. Ninguém deveria sentir-se ofendido...

— «Cabelos negros como asas de corvo, como tempestades noturnas...» — recitou Yennefer, com ênfase exagerada — «... e raios cor de violeta adormecidos nos seus olhos...» Não é assim?

— Essa foi a imagem que ficou na minha memória. — O poeta sorriu discretamente. — Atire contra mim a primeira pedra aquele que afirmar que a descrição é incorreta.

— Só não sei — a feiticeira cingiu os lábios — quem te autorizou a descrever os meus órgãos internos. Como é? «O seu coração é como a joia que decora o seu colo, duro como o diamante, como um diamante frio e insensível, mais afiado do que obsidiana, capaz de ferir...» Foste mesmo tu a inventar isso? Ou será... — Os seus lábios contorceram-se, trémulos. — Ou será que ouviste confidências e queixas de alguém?

— Hã? — pigarreou Jaskier, fugindo de um tema perigoso. — Diz-me, Yennefer, quando é que vistes Geralt pela última vez?

— Há muito tempo.

— Depois da guerra?

— Depois da guerra... — A voz de Yennefer alterou-se levemente. — Não; depois da guerra, nunca mais o vi. Passei muito tempo... sem ver ninguém. Mas voltemos ao que interessa, meu poeta. Estou um tanto espantada com o facto de não saberes nada e não teres ouvido nada e, apesar disso, alguém está disposto a torturar-te para sacar informações. Isso não te deixa preocupado?

— Deixa.

— Então ouve o que tenho a dizer-te — avisou ela num tom sério, batendo com a caneca na mesa. — Ouve com atenção. Elimina essa balada do teu repertório. Não a voltes a cantar.

— Referes-te a...

— Sabes muito bem a qual me refiro. Canta sobre a guerra com Nilfgaard. Canta sobre o Geralt e sobre mim; não nos atrapalhará nem ajudará em nada, assim como em nada melhorará ou piorará. Mas não cantes sobre a pequena Leoa de Cintra.

Yennefer olhou em volta para se certificar de que nenhum dos poucos comensais presentes àquela hora podia ouvi-los e esperou que a empregada regressasse à cozinha.

— Evita, também, encontrar-te a sós com pessoas que não conheces — murmurou. — Com aquelas que se esquecem de te mandar lembranças de amigos comuns a título de introdução. Entendeste?

Jaskier encarou-a, espantado. Yennefer sorriu.

— Lembranças de Dijkstra, Jaskier.

Agora era o bardo quem olhava em volta, assustado. O seu espanto devia ser evidente, e a expressão no seu rosto engraçada, porque a feiticeira se permitiu a um sorriso bastante trocista.

— Por falar em Dijkstra — sussurrou Yennefer, inclinando-se sobre a mesa —, ele aguarda o teu relatório. Estás a regressar de Verden e Dijkstra quer saber o que andam a falar na corte do rei Eryyll. Pediu-me que te transmitisse que desta vez o relatório deve ser objetivo, detalhado e de maneira alguma rimado. Em prosa, Jaskier, em prosa.

O poeta engoliu em seco e fez um aceno afirmativo com a cabeça. Permaneceu calado, formulando uma pergunta na sua mente, mas a feiticeira antecipou-se.

— Aproximam-se tempos difíceis — disse baixinho. — Difíceis e perigosos. Aproxima-se a época das mudanças. Seria muito triste envelhecer

convencida de que não se fez nada para que as mudanças iminentes fossem para melhor. Não concordas?

Jaskier assentiu com a cabeça e voltou a pigarrear.

— Yennefer?

— Sim, meu poeta?

— Aqueles lá, no chiqueiro... Gostaria de saber quem eram, o que queriam e quem os mandou. Mataste os dois bandidos, mas corre o boato segundo o qual vocês conseguem arrancar informações mesmo a cadáveres.

— E o tal boato não diz nada quanto ao facto de haver um édito do nosso Capítulo proibindo terminantemente a prática de necromancia? Esquece lá isso, Jaskier. Eram dois patifes que, de qualquer modo, não saberiam de nada. Já aquele que fugiu... bem... é um caso à parte.

— Rience. Ele é feiticeiro, não é?

— Sim, mas muito pouco eficiente.

— No entanto, consegui escapar-te. E eu vi como. Por teletransportação, não foi? Isso não prova nada?

— Sim, prova. Prova que alguém o ajudou. O Rience não tinha tempo nem forças suficientes para abrir um portal suspenso no ar. Um teleportal daqueles não é para qualquer um. Portanto, é óbvio que alguém lho abriu, alguém imensuravelmente mais poderoso. Foi por isso que tive receio de o perseguir, sem saber onde pousaria. Mas consegui despachar atrás dele uma temperatura bem elevada e ele vai precisar de muitos feitiços e elixires especiais contra queimaduras, além de ficar com marcas por muito tempo.

— Talvez te interesse saber que ele era nilfgaardiano.

— Achas? — Yennefer endireitou-se e, num gesto rápido, tirou do bolso a adaga de Rience. — Nos dias de hoje, as armas nilfgaardianas estão a ser usadas por muitas pessoas. São práticas e úteis, podendo ser escondidas até num decote.

— Não estou a referir-me à adaga. Ao interrogar-me, usou descrições como «batalhas de Cintra», «a conquista da cidade» e coisas de igual teor. Nunca ouvi alguém usar tais denominações para descrever aqueles acontecimentos. Para nós, aquilo sempre foi um massacre. O massacre de Cintra. Ninguém fala de outra maneira.

A feiticeira ergueu a mão e olhou para as unhas.

— Parabéns, Jaskier. Tens bom ouvido.

— É uma deformação profissional.

— Indago-me qual profissão tens em mente. — Yennefer sorriu, volúvel.  
— Mas agradeço-te a informação. É valiosa.

— Considera-a — respondeu Jaskier com um sorriso — a minha participação no esforço para que as mudanças iminentes sejam para melhor. Diz-me, Yennefer, porque é que Nilfgaard está tão interessado em Geralt e na jovem de Cintra?

— Não metas o nariz nesse assunto — respondeu ela, repentinamente séria. — Já te disse para esqueceres alguma vez teres ouvido falar da neta de Calanthe.

— Sim, disseste. Mas o facto é que não estou apenas em busca de um tema para uma balada.

— Então, com os diabos, o que procuras? Um galo na testa?

— Suponhamos... — sussurrou Jaskier, apoiando o queixo nas mãos entrelaçadas e fixando os olhos nos da feiticeira. — Suponhamos que Geralt encontrou e salvou aquela criança. Suponhamos que ele finalmente acreditou na força do destino e levou a criança consigo. Para onde? O Rience tentou arrancar-me essa informação com tortura. Mas sabes, Yennefer... Tu sabes onde o bruxo se escondeu.

— Sei.

— E sabes como chegar lá.

— Também sei.

— E não achas que deveríamos alertá-lo? Avisá-lo que ele e a rapariga são procurados por elementos como aquele Rience? Eu iria até lá, mas a verdade é que não sei mesmo onde fica... aquele lugar cujo nome prefiro não pronunciar.

— Conclui o teu raciocínio, Jaskier.

— Se sabes onde o Geralt está neste momento, então deverias ir até lá e preveni-lo. Tens uma dívida para com ele, Yennefer. Afinal, algo vos ligava.

— É verdade — respondeu ela friamente. — Algo nos ligava. E é por isso que sei como ele é. Nunca gostou que lhe oferecessem ajuda. E, quando precisava que o ajudassem, procurava as pessoas nas quais confiava. Já se passou mais de um ano desde aqueles acontecimentos, e eu... eu não recebi qualquer notícia dele. Já no que se refere à minha dívida para com ele, devo-lhe exatamente tanto quanto ele me deve. Nem mais, nem menos.

— Sendo assim, irei eu — disse Jaskier, orgulhoso. — Diz-me...

— Não direi — interrompeu-o Yennefer. — Estás queimado, Jaskier. Podem apanhar-te outra vez a qualquer momento; portanto, quanto menos souberes, melhor. Desaparece daqui. Vai para a Redânia, junta-te a Dijkstra e a Philippa Eilhart, cola-te à corte de Vizimir. E volto a prevenir-te: esquece Ciri, a pequena Leoa de Cintra. Finge que nunca ouviste o nome dela. Faz



o que te peço. Não quero que nada de mal te aconteça. Gosto muito de ti e devo-te imenso...

— Já é a segunda vez que dizes isso. O que é que me deves, Yennefer?

A feiticeira virou a cabeça e ficou em silêncio durante muito tempo.

— Viajavas com ele — disse, por fim. — Graças a ti, ele não ficou sozinho. Foste seu amigo. Estiveste com ele.

O bardo baixou os olhos.

— Ele não ganhou muito com isso — murmurou. — Não tirou muito proveito de tal amizade. A minha presença só lhe trouxe problemas. Volta e meia via-se forçado a tirar-me de alguma trapalhada... a ajudar-me...

Yennefer inclinou-se sobre a mesa, colocou a sua mão sobre a dele e apertou-a com força, sem dizer uma palavra. Nos seus olhos havia pesar.

— Vai para a Redânia — repetiu após um momento. — Uma vez lá, estarás sob a proteção de Dijkstra e Philippa. Não te armes em herói. Meteste-te numa encrenca, Jaskier.

— Já reparei — retrucou o bardo, esfregando o ombro dorido. — Mas é exatamente por isso que acho que devemos alertar Geralt. És a única pessoa que sabe onde procurá-lo. Conheces o caminho. Imagino que já estiveste lá... na qualidade de visitante...

Yennefer virou o rosto e Jaskier viu como ela cerrara os lábios e como um músculo lhe tremera na face.

— É verdade que já lá estive como visitante algumas vezes — disse, com algo indefinível na voz. — Mas nunca sem ter sido convidada.

O vento uivou violentamente, ondulou os caules de hera que cobriam as ruínas, sussurrou por entre os arbustos de espinheiro e altíssimas urtigas. Bandos de nuvens passaram pelo disco lunar, iluminando por um fugaz momento o enorme castelo, o fosso, os restos da muralha e as pilhas de caveiras com dentes arreganhados que olhavam para o nada com os negros buracos das órbitas. Ciri soltou um gritinho agudo e escondeu a cabeça debaixo do manto do bruxo.

A égua, atizada pelos calcanhares do cavaleiro, passou com cuidado sobre um monte de tijolos e atravessou o que restara da arcada. As ferraduras, batendo no piso de pedra, despertavam entre os muros ecos infernais, abafados pelo uivo do vento. Ciri tremia, com as mãos enfiadas na crina do animal.

— Tenho medo — sussurrou.

— Não precisas de ter medo de nada — respondeu o bruxo, colocando a

mão sobre o ombro dela. — Não existe lugar mais seguro do que este em todo o mundo. Estamos em Kaer Morhen, a Sociedade dos Bruxos. No passado, havia aqui um belíssimo castelo. Mas isso foi há muito tempo.

Ciri não respondeu, baixando ainda mais a cabeça. *Plotka*, a égua do bruxo, relinchou baixinho, como se até ela quisesse acalmá-la.

Mergulharam num escuro, comprido e aparentemente interminável túnel por entre colunas e arcadas. *Plotka*, batendo alegremente as ferraduras sobre o piso, avançava com segurança e boa disposição. Diante deles, no fim do túnel, brilhou de repente uma fenda vertical vermelha. Crescendo e alargando-se, transformou-se numa porta, por detrás da qual resplandecia a luz de archotes enfiados em tocheiros de ferro presos às paredes. No vão da porta parou um vulto negro, ligeiramente ofuscado pelo brilho nas suas costas.

— Quem vem lá? — Ciri ouviu uma voz metálica e ameaçadora, que mais parecia o latido de um cão. — És tu, Geralt?

— Sim, Eskel, sou eu.

— Entra.

O bruxo desmontou, tirou Ciri da sela, colocou-a no chão e enfiou entre as mãos dela a sua trouxa, que ela agarrou com força, lamentando o facto de não ser suficientemente grande para poder ocultá-la atrás de si.

— Espera aqui, com o Eskel — disse o bruxo —, enquanto eu levo a *Plotka* até à cavalaria.

— Chega-te mais perto da luz, meu pequeno — bradou o homem chamado Eskel. — Não fiques aí, parado na escuridão.

Ciri ergueu a cabeça, olhou para o seu rosto... e teve dificuldade em conter um grito de horror. Aquilo não era um ser humano. Apesar de estar apoiado sobre duas pernas, de cheirar a fumo e suor, de estar vestido com trajes humanos, não era um homem. *Nenhum ser humano*, pensou Ciri, *tem um rosto destes*.

— E então, estás à espera de quê? — repetiu Eskel.

Ciri não se moveu. De longe, ouvia o cada vez mais distante som das ferraduras de *Plotka*. Algo macio e chiante passou a correr pela sua perna. A jovem deu um salto.

— Não fiques no escuro, rapaz, senão as ratazanas vão roer-te as botas.

Ciri, sempre agarrada à sua pequena trouxa, andou rapidamente na direção da luz. As ratazanas fugiam a chiar sob os seus pés. Eskel inclinou-se, pegou-lhe na trouxa e tirou-lhe o capuz.

— Que raio! — rosnou. — Uma miúda. Só nos faltava isto.

Ciri olhou para ele, assustada. Eskel sorriu. Foi quando ela se deu conta

de que se tratava de um ser humano, com um rosto totalmente normal, apenas deformado por uma longa e feia cicatriz semicircular que corria pela bochecha, desde o canto da boca até à orelha.

— Já que aqui estás, que sejas bem-vinda a Kaer Morhen. Como te chamas?

— Ciri — respondeu por ela Geralt, emergindo das sombras em silêncio.

Eskel virou-se rapidamente e os dois bruxos abraçaram-se com força por um breve momento.

— Vejo que estás vivo, Lobo.

— Estou.

— Muito bem — disse Eskel, tirando o archote do tocheiro. — Vamos andando. Vou fechar a porta interna para que o calor não se esvaia.

Adentraram um corredor. Também ali havia ratazanas, que corriam junto às paredes, chiavam dos acessos laterais na escuridão e fugiam do bruxuleante círculo de luz formado pela tocha. Ciri caminhava depressa, esforçando-se para acompanhar os passos dos dois homens.

— Quem, além do Vasemir, inverte aqui, Eskel?

— Lambert e Coën.

Desceram uma escada com degraus íngremes e escorregadios. Mais abaixo, era possível ver o brilho de uma luz. Ciri ouviu vozes e sentiu cheiro a fumo.

O salão, iluminado pelas chamas crepitantes sugadas por uma chaminé, era enorme. O centro estava ocupado por uma grande mesa, em volta da qual poderiam sentar-se facilmente dez pessoas. De momento, havia ali três homens. *Três bruxos*, corrigiu-se mentalmente Ciri. Via apenas os seus vultos, tendo por fundo as chamas da lareira.

— Salve, Lobo. Estávamos à tua espera.

— Salve, Vasemir. Salve, rapazes. É bom estar de novo em casa.

— E quem nos trouxeste?

Geralt ficou em silêncio por um momento e, então, colocou a mão no ombro de Ciri, empurrando-a levemente para a frente. A rapariga avançou desajeitada, insegura, mancando, encolhendo-se e baixando a cabeça. *Tenho medo*, pensou. *Muito medo. Quando o Geralt me encontrou e me levou com ele, achei que o medo não regressaria, que já havia passado... E agora, em vez de estar numa casa, encontro-me neste terrível, escuro e arruinado castelo, cheio de ratazanas e ecos horríveis... Estou novamente diante de uma parede de fogo. Vejo escuras silhuetas ameaçadoras, vejo fixos em mim olhos malvados a brilhar sinistramente...*

— Quem é esta criança, Lobo? Quem é esta miúda?

— Ela é... — começou Geralt, interrompendo-se logo a seguir.

Ciri sentiu nos ombros as suas mãos fortes e duras... e, de repente, todo o medo se esfumou. Desapareceu, sem deixar rasto. Das crepitantes chamas rubras emanava calor, nada mais do que calor. As negras silhuetas eram de amigos. Protetores. Os brilhantes olhos demonstravam curiosidade. Solicitudade. E preocupação...

As mãos de Geralt apertaram-lhe os ombros.

— Ela é o nosso destino.